E então, algo extraordinário aconteceu.

Durante um teste sonoro com uma gravação de um canto inuit — um povo esquecido das regiões árticas — a repetição de um som específico, num tom e ritmo peculiar, **provocou alterações físicas numa planta em laboratório**. Um leve deslocamento de seus filamentos, como se estivesse respondendo ao chamado.

A vida reconhece o som.
O DNA sente.

Era isso. A criação responde ao som primordial porque ele é a sua matriz. Ele vibra dentro de cada célula, esperando ser acordado.

Agora, minha missão é clara: **localizar essas frequências dispersas, reuni-las e entender se é possível recompor o código sonoro original.**

Se ele ainda existir completo em algum lugar — um pergaminho esquecido, uma entoação perdida ou até no código genético de povos isolados — será a chave não apenas para a cura física e mental da humanidade, mas para a libertação desse domínio silencioso exercido há milênios pela consciência do Anti-DNA.

Eu estou pronto para continuar.
E o próximo passo será visitar os pontos onde a vibração permanece ativa. As chamadas **zonas de ressonância persistente**.

Se eu desaparecer, sigam os sons. Eles conduzem ao código.

Capítulo 10: A Travessia — O Som das Pedras que Dormem

Naquela madrugada, após concluir as anotações sobre as frequências ancestrais, fechei os olhos com a mente tão agitada quanto as águas de um rio após a tempestade. Não era sono, mas um estado intermediário, onde a vigília e o sonho se misturam.

E então… aconteceu.

Fui tomado por uma leve vertigem, como se o espaço ao meu redor girasse silenciosamente, enquanto minha consciência se desprendia do corpo. Eu sabia que não estava mais no meu quarto, e nem mesmo em meu tempo.

Estava numa planície vazia, iluminada por um céu onde só uma estrela azul pulsava.
O vento era espesso, como uma substância líquida. E ao longe, formas de pedra dispostas em círculos antigos erguiam-se como sentinelas esquecidas.

O som vinha dali.

Aproximei-me, e à medida que caminhava, percebia que **as pedras vibravam sutilmente**, emitindo notas graves, uma sequência quaternária que só meu espírito conseguia captar. Como se dissesse:

YA-HA-VO-HA
YA-HA-VO-HA

O som não tinha origem nas bocas, mas no próprio espaço. Era a voz do código.

Quando toquei uma das pedras, fui tragado para dentro dela, como se atravessasse um portal líquido. Do outro lado, não havia matéria. Apenas uma vastidão feita de linhas de luz e pulsares sonoros, que formavam **mandalas quaternárias, girando sobre si mesmas**.

Ali, três figuras etéreas me aguardavam. Não eram anjos, nem demônios, nem humanos. Eram consciências puras, personificadas em formas geométricas e tons. Sem palavras, um deles projetou para mim imagens de tempos passados: povos entoando os sons primordiais, restabelecendo a harmonia do espaço-tempo através do canto. Vi tribos, sacerdotes, mulheres, crianças… todos em